



O CRUZEIRO DO SUL.

JORNAL POLITICO, LITTERARIO E NOTICIOSO.

Publica-se as quintas-feiras e domingo
PARTIDAS dos correios terrestres para a cidade
intermediaria, nos dias 12 e 28.

...neste tipo, onde recehem-se quaequer artigos, escriptos com decencia.
Laguna e postos intermediarios, nos dias 11 e 23. Para a cidade de S. Francisco e postos

PARTE OFICIAL.

GOVERNO DA PROVINCIA

EXPEDIENTE DE MAIO.

Despachos em requerimentos.

--30--

Marcellino Antonio Menles, propõe
comprar oito centis bacias de terras de fren-
te, nos fundos de terrenos do supplicante --
A thezouraria para arbitrar o preço.

João Antonio Lopes Gondim, pede licen-
ça para vender uma morada de caza edi-
feada em terrenos de marinhais na ria do
Príncipe desta cidade -- Pagos os direitos e
lazos vencidos, far-se-á transferencia.

Maria P. Josez. n. 16 -- licença
para vendas ou compra de terrenos de marin-
hais na ria da praia de fortalesa ei lado.
Com requer, não havendo inconveniente.

Alexandre Augusto Ignacio da Silveira 2.º
tenente quartel-mestre do corpo de arti-
fices da corte, pede consigar a seo p. n. do
1.º de junho em diante a quantia de vinte
e oito mil e oito centos, reis mensal -- Ofi-
cile-se á thezouraria.

--31--

João Teixeira Fernandes, pede que se
lhe mande pagar o fornecimento de madei-
ras e areia por elle feita para as obras dos
pouzos na estrada que segue para o Rio
Grande do Sul -- Não tendo ainda o sup-
plicante posto os materiais no lugar da obra,
não pode ser d'elles pagos.

Theodoro Sebastião Lemos, alferes do 3.º
batalhão de infantaria da guarda nacional
da cidade da Laguna pede passagem para o
batalhão da cidade de S. José por ter mudado
sua residência para a desta cidade -- Co-
mo requer, devendo apresentar a patente
para a competente nota.

--28--

Passaporte para Montevideo ao subdito
oriental Pedro Celestino Côres.

A thezouraria n. 221 -- Devolvendo,
assignado, o título transferindo 6 braças de
terrenos de marinhais na cidade de S. Fran-
cisco, a Antonio Vieira d'Araujo, que S.
remetteo com o seo oficio n. 123 de 26
do corrente.

A administração da fazenda provincial
n. 141 -- Mandando entregar a Joaquim G-
gorio d'Oliveira a quantia de 5.077\$00,
resto dos serviços feitos na estrada de Lages
no logar denominado Trombudo.

A thezouraria n. 222 -- Mandando ajustar
contas e passar guia no fim do corrente
mez ao capitão do 3.º batalhão de infantaria
Francisco Raimundo de Souza, e ao
2.º tenente quartel-mestre de artifícies da
corte Alexandre Augusto Ignacio da Silveira,
que se acham com licença nessa província,
tem de seguir para corte.

Communicou-se ao tenente coronel assistente
em resposta ao seo oficio de 26 do corrente.

Idem n. 223 -- Para que do 1.º do corrente
mez em diante pague ao capitão Fran-
cisco Eduviges de Souza Mascarenhas a
quantia de 30.500 reis mensaes, que con-
signa de seu saldo nessa província o capitão
Luiz Hilário S. José, como é determinado
pela unica do ministerio dos negócios da
guerra de 20 do corrente, em deferimento
a sua declaração.

Ao director da infanteria n. 1 -- Com-
municando lhe ficar-sente pelo seo oficio
de 23 deste, m.º de haver S. mercê che-
gado a 21 nessa capital, d'onde tinha sahi-
do a 17 a inspecção as escolas.

--30--

A thezouraria n. 224 -- Para que á con-
tar do 1.º de junho em diante seja entre-
gue a Alexandre Ignacio da Silveira, pro-
curador de seo filho o 2.º tenente quartel
mestre do corpo d'artifícies da corte Alexandre
Augusto Ignacio da Silveira, a quan-
tia de 28.800 mensaes, que elle consigna
de seu saldo nessa província.

Idem n. 225 -- Mandando entregar em
virtude da ordem da thezoura n. 75 de 9 de
novembro do anno passado a Waldnor Schu-
te, oficial do exercito da Saxon, a quan-
tia de 500\$ rs. pertencente ao mez que de-
corre de 6 de maio a 6 de junho.

Idem n. 226 -- Remetendo cópia do aviso
circular da secretaria d'estado dos negócios
da guerra de 43 de abril proximo findo,
determinando que o ajustamento de contas
de fardamento as praças do exercito, se faça
conforme a tabella de 31 de janeiro de 1835.

Ao director do liceo -- Para que mande
anunciar; que, do 1.º de julho em diante,
se achão abertas as aulas de dezenho,
e de ciencias naturaes.

A administração da fazenda provincial
Mandando entregar a Manoel José da Silva,
a quantia de 300\$ para a continuação da
ponte de S. Laiz, levando esta despesa á
verba pousés e estradas do município da ca-
pital.

Ao juiz de direito da capital -- Para que

informe com urgencia, qual o resultado fi-
nal da denuncia dada em 1852 pelo procu-
rador fiscal contra o juiz municipal da ca-
pital Sergio Lopes Falcão; e bem assim das
queixas contra o mesmo juiz dadas por Hen-
rique Schutel, uma na qualidade de nego-
ciante, e duas, na de vice consul Sardo.

Idem -- Communicando-lhe em resposta
ao seo oficio de 28, haver nesta data trans-
mittido ao Exm. Sr. ministro da justiça o ofi-
cio que acompanhou.

Ao delegado da repartição das terras pu-
blicas -- Remetendo a feria da obra da es-
trada da colonia D. Francisca á província do
Paraná, pertencente ao mez de março ulti-
mo, que foi enviada pelo director da colo-
nia com oficio de 16 do corrente.

Communicou-se ao director da colonia,
em resposta ao seu oficio de 16.

A camara de Porto Bello -- Responden-
do ao seo oficio n. 4 de 16 do corrente, que
nesta data se expede ordem para que pela
collectoria daquella villa se entregue a seo
procurador a quantia de 72\$800 para pa-
gamento ás amas dos expostos.

Ordenou-se á administração mandasse en-
tregar a quantia acima.

A camara de Porto Bello -- Respondendo
ao oficio n. 9 de 16 do corrente, 1.º que
declarando a lei sujeitos ao imposto de 103
rs. as olarias de fazer tijolos telha e louça,
não pode-se deixar de julgar comprehendidas
as casas que fabricar louças denominadas
paisanas, embora trabalhem particular-
mente em suas casas uma vez que vendam
essas louças; 2.º que tendo a camara os
seos fiscaes, a elles deve dirigir-se o procu-
rador para saber quaeas as casas sujeitas á
impostos municipaes.

Idem -- Respondendo ao oficio n. 10 de
16 do corrente, que achando-se affectas á
assembléa provincial as posturas de que tra-
ta o dito oficio, não pôde a presidencia de-
volvel-as para serem acrescentadas, e que
todavia não obsta a que a camara, em ad-
ditamento á ellis, remetta os artigos que en-
tender convenientemente acrescentar.

A thezouraria n. 227 -- Mandando ajustar
contas e passar guia ao alferes Manoel
Joaquim Telles, que, do batalhão do depo-
zito foi transferida para o 13 de infantaria,
e que tem de seguir para o seu corpo; de-
clarando-se na guia que elle consigna ao
seo procurador José Ferreira Lisboa para
alimentos de sua família a quantia de 368
rs. mensaes, saldo de sua patente.

Ao director da colónia D. Francisco—Desvolvendo as férias da estrada da colónia ao Paraná; dos meses de dezembro e janeiro último, a fim de ordenar ao encarregado da escripturação a organização de outras limpas e exactas; e lembra a remessa da férias pertencente ao mês de abril, que deixou de remeter com o seu ofício de 7 do corrente, com as contas, que o acompanham.

BIOGRAPHIA.

DO EXM. SR. GENERAL

JERONIMO FRANCISCO COELHO.

(Continuação do n.º 1.º)

A nova camara dos deputados, reunida em 1845, pre-lava o seu apoio unânime ao gabinete de 2 de Fevereiro, exceptuando tres deputados, que se declararam em oposição, talentosos e habilis oradores, a quem nesse tempo se denominou — Patrulha.

O partido liberal, rehabilitado e chamado as posições, movido principalmente pelo sentimento de gratidão, dava pleno apoio ao gabinete, mas nesse se presentia uma certa sollecuidade e impaciencia pela adopção de medidas no sentido da política do progresso, e em antagonismo com as medidas fortes, que tinham sido convertidas em lei pela política anterior.

Fra como reacção natural, que o governo praticamente não queria moderar, obstante o seu sentido, que se os amigos desejavam, pelo que era por ellos acusado de inércia. Foi por isso que o Sr. Coelho, a vista desses inícios de sussurrar da parte dos amigos do gabinete, em uma das sessões de Maio de 1845 proferiu esse notável discurso, no qual proclamou a inércia como sistema político em certos casos e em dadas circunstâncias, considerando-a tanto no sentido político como moral, uma força capaz de resistência, e muitas vezes a unica própria, salutar e benéfica para impedir movimentos desordenados.

Este discurso lhe alienou as sympathias de alguns de seus amigos politicos; posteriormente, tendo-se oposto e fazendo cair e-m o seu voto, e o do seu colliga dos estrangeiros, Ernesto Ferreira França, a medida proposta sobre a incompatibilidade dos magistrados com as funções de deputado, além disto nesta parte divergente da opinião dos outros seus quatro collegas, teve de retirar-se do ministerio a 26 de Maio de 1855.

Entre os serviços mais notáveis prestados no país neste seu primeiro ministerio deve contarse a parte directa e activa com que planejou e concorreu para a pacificação da província do Rio Grande do Sul.

Em perfeita intelligencia e acordo com o então presidente e commandante em chefe do exercito naquella província, o general marquês de Caxias, seu amigo de juventude e seu contemporâneo na academia, tudo entre elles se predispoz e combinou com tanto acerto, que a paz veio a efectuar-se pelos meios da convicção espontânea e sincera, fazendo com que os rebeldes confessassem na clemência imperial e na fé do governo.

Para esse fim veio particularmente à corte em comissão por parte dos rebeldes o (entre elles) tenente coronel Antonio Vicente da Fonseca, acompanhado pelo coronel Manoel Marques de Souza (hoje Barão de Porto-Alegre).

Foi o Sr. Coelho quem fez com o commissário Fonseca e coronel Marques todos os ajustes e combinações precisas para se realizar a tão desejada pacificação, que até então milhares de contas despendidas e milhares de vidas preciosas sacrificadas não tinham podido conseguir.

No seu gabinete e com seu punho foi elle quem redigiu as instruções de 18 de dezembro de 1844 que faziam levar a pacificação material e moral a infeliz e magesticosa província do Rio Grande do Sul, ha nove anos trucidada pelos horrores da guerra civil.

Quando algum dia essas intruções chegaram a ser publicadas, se reconhecerá, que a paz desta província foi obtida pelos meios os mais honestos, com brilho e magnanimidade da corte, e seu ao mesmo tempo humilhar os brios daquelles nossos valentes irmãos illudidos, que depositaram as armas, e voltando a comunhão na paz, vinham abrigar-se sob o manto da clemência imperial.

Quando na camara dos deputados a oposição pouco generosa, e certa de que o melindre das circunstâncias não permitia ao governo fazer re-elasões, arguia o gabinete de ter merecido o brilho da corte, o Sr. Coelho respondia com sua voz expressiva: « Senhores, está unida toda a grande família brasileira, o Império está em paz; rendamos graças a Deus. »

Em objectos de serviço distinguiu-se sempre por sua grande actividade: entre outros factos ha o seguinte de notoriedade publica. O partido da ordem na província das Alagoas incendiava na mesma farta, que arguia, a seus adversários publicos, pois quando em oposição, descrevendo os meios legais, revoltou-se e recorreu a bem aos meios militares, e imponhando as armas e atacando o seu paiz i.º o delegado do governo o Dr. Joaquim da Silva Franco; e os revoltosos nessa occasião não desdenharam chamar em seu auxilio o falso barão e salteador das matas de Jacuípe Vicente de Paula.

O presidente da província, sem força para resistir a revolta, que com tanta fúria rebentava de improviso, havia solicitado o auxilio aos presidentes de Pernambuco e da Bahia. Todas estas notícias chegaram à corte trazidas pelo vapor *Imperador*, que entrou neste porto a 17 de Outubro de 1844; o incansável ministro da guerra de 2 de Fevereiro deu logo todas as providências, e com tal rapidez, que no dia seguinte, 18, havendo apenas decorrido 24 horas, o mesmo vapor sahia pela barra fóra com uma força de linha de 400 praças completamente armada e municiada, sob o comando do valente general Seabra, e a 24 do mesmo mês sahava a frota nas Alagoas, e no dia seguinte era reinstalado em seu palácio o presidente, que da-de o dia 21 se achava com as principaes autoridades a bordo do bateaux *Caçador*; a 31 de Outubro dava-se o sanguinolento combate da Atalaia, e logo em seguida outros, em que as forças legais levaram sempre de vencida os revoltosos. A prestoza dos auxilios enviados da corte pelo ministro, e à concorrência dos socorros das províncias da Bahia e Pernambuco deve-se o ter sido supplantada em começo uma revolta, que, com o auxilio e intervenção dos banditos das matas, ameaçava tomar grandes proporções, e produzir males incalculáveis.

Enquanto ministro, não se descuidava da parte para mente administrativo. Deu à Escola Militar os estatutos da 1.ª de Março de 1845, fazendo cessar a confusão de doutrinas, que resultava de uma interminável sucessão de reformas e bre reformas; restaurou o Hospital Militar da corte, em beneficio da vida dos soldados, que em tratados nos insalubres e mal provisões hospitais regimentais, succumbiam à minga em seu uso extraordinário; fundou o ob-

servatorio astronomico do Castello, cuja ereção, decretada por lei há muitos annos, tinha ficado em letra morta, e nunca se cuidara na sua execução.

Deixando de ter assento na camara dos deputados no anno de 1848, foi nomeado presidente e commandante das armas da província do Pará, tomando posse destes cargos a 8 de Maio do mesmo anno.

Nesta presidencia ainda mais firmou o seu credito de administrador intelligent, recto, justo e imparcial, desenvolvendo sua habitual actividade dando impulso a diferentes obras publicas da província, apesar dos minguados recursos das rendas provincias, tendo encontrado os cofres exausitos e a província com uma dívida superior a 70 000\$.

Durante a sua administração no Pará, em princípios de 1850, tentaram os franceses uma segunda ocupação do Amapá, sendo governador de Cayena Mr. Parisel, que mandara estacionar algumas g.letas e brigues de guerra em frente a encocadura do mesmo Amapá. O Sr. Coelho, por seu turno, mandou preparar todos os navios de guerra da estação do Pará, e expediu para Cayena o brigue de guerra *Nitroy* com oficiais que o governador, fazendo energica reclamação contra a tentativa de nova ocupação; travou-se então de parte a parte, por meio de notas diplomáticas, uma reñida e luminosa discussão, que foi toda publicada no relatório de estrangeiros de 1852, sobre a questão de limites do Oiapoque, e sobre a verdadeira intelligencia dos tratados, cujo resultado foi fazer cair no animo do governador de Cayena a convicção da injustiça de sua pretensão; retirando-se os navios franceses, não indo portanto avante a projectada ocupação.

Permanecendo este tanto tempo na administração na província do Pará, e conhecendo-se norma de principios que o dirigia, basta copiar textualmente um trecho do seu relatório de entrega ao vice-presidente o Dr. Anjelo Custodio Corrêa, em que, entre outras regras que o guiarão no seu governo, pôde dizer-lhe o seguinte:

« Não partilhei com ninguém o exercício de minha autoridade: governei só, acertei e erra só. Nunca admiti confidencias aliculares, e bre objectos de negócios publicos, e nenhum acto de minha administração foi por alguém anunciado de vespera na praça publica. »

« Esforçando-me por imprimir em todos os meus actos um certo cunho de imparcialidade e justiça, consegui nullificar a apparção de partidos, estabelecer uma presidencia tranquilla, etc. »

Entregando as redeas da administração do Pará no 1.º de Agosto de 1850, tendo conquistado as sympathias dos Paraenses, recolheu-se a corte em Novembro desse mesmo anno, e então retirou-se completamente da vida política e administrativa, em pregando-se por seis annos em diferentes cargos paramentos militares, tres como o de director da fabrica da polvora, que exerceu ate o mês de Junho de 1854; de director do arsenal de guerra da corte, ate Setembro de 1855; director da Escola de Applicação do Exercito, ate Março de 1856, em que foi nomeado presidente e commandante das armas da província de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

A excepção cargos de presidente e com mandante das armas das províncias do Para e Rio Grande do Sul, nunca quis acumular mais de um vencimento; ou gratificação por empregos diversos.

Quando foi nomeado director do Arsenal de Guerra da corte, a que estava annexa a direcção das obras militares, fez separar o seu ultimo cargo, que desde então até h.je tem director especial, dizendo que no serviço do arsenal tinha de sobra com que ocupar-se, e que não queria ser

director h norario cu nominal daquellas obras sómente para receber as gratificações, que impavão em 1:600\$ por anno; nisto deu ao mesmo tempo prova de desinteresse e zelo pelo bem do serviço.

De maneiras affáveis no seu trato ordinario, e ao mesmo tempo energico nas occasões precisas, nos empregos superiores, q e ha exercido, tem sabido fazer-sa respeitar e obedecer, captando ao mesmo tempo a cordial estima de seus subordinados; é assi, quando embarcou para o Rio Grande do Sul, despedindo-se delle os alunos da escola de applicação reunidos em corpo, com seu novo director e mais officia's e empregados da pula e colla, um dos alunos, em nome de todos os seus collegas, leu um discurso por eis assignad, em alento de muitas expre'ssões lisongeiras, tratando de retratar o seu caracter, exprimindo nas seguintes palavras:

« O que nos pe'h' r individualmen'o, e o que e nos constit e gr'los sobr tudo, são essas qualidades pessoas, que vos distinguem, são essa candura e intelligencia, que unia e separava « in continent' o director e alumno que distinguia o mestre d'entre que trabalhavao juntos, e que obsequiava ordenando, etc. »

(Continua.)

História de Rutilio.

Chamo-me Rutilio: era mestre de dança em Florencia, e desfrutava toda a reputação, que podia desejar. Eu bem podera ahí viver como o mais feliz dos homens, porém foi escolhido para mestre da bella florentina... en a roubar... bem depressa fui preso, conduzi-lo ante os tribunais, como r.p.o., e defendendo a ser enforcado dentro em 24 horas. Logo que a minha sentença foi pronunciada, levaram-me para uma prisão, onde se achavão outros desgraçados, como eu, que devia morrer no dia seguinte. Entre outros notei uma mulher, que parecia ter sido bella n'outro tempo, porém então ja meia velha, a qual denunciada e convencida de feiticeiria, acabava de ser condenada ao fogo. Durante o meu processo e varias occasões de a vêr na sala do carcereiro, onde era bem recebida, porque havia prometido curar uma filha deste, que se achava mortalmente enferma, mediante certas palavras pronunciadas sobre certas hervas. Esta mulher dava ares de se interessar por mim, e muitas vezes, em tom de brinco, me tinha repelido, que, em quanto não fosse queimada, eu não seria enforcado. Eu não sei, nem posso conceber o que é q.e ella fez, porém na noite do dia da minha condenação, d'esse dia trivel, que hia ser seguido do meu ultimo dia, entrou na minha prisão, onde me achava preso pelos pés e mãos a duas grandes argolas, de ferro encravadas na parede. Logo que entrou reconheci-a pela voz: « Não te espantes, disse-me ella, eu venho consolar-te.... salvarte, como t'o prometti, acrecentou ella, pondo a mão sobre o meu coração, se de tua parte, me prometess amar-me easar comigo, e ser-me fiel. Eis aqui as minhas condições: se recusas, deixa-me; e amanhã serás enforcado; reflete no que te convém, e não demores a resposta. » O que não prometteria eu na crise, em

que me achava? Sem hesitar, sem fazer a menor reflexão; com toda a sinceridade do meu coração, respondi-lhe, que dispuzesse de mim, que em quanto vivesse, no caso de me salvar, eu seria tudo o q.e de mim quizesse. -- « Neste caso, respondeu ella, eu me retiro: tranquillisate; não te espantes; e deixa o mais por minha conta. A meia noite teus ferros serão despedaçados, e tu ficarás depois em lugar seguro, ao qual teus inimigos a pesar de inumeros, poderosos, e encarniçados contra ti não poderão chegar. » -- Eu o confessso, esta creatura infernal, esta feiticeira, que em qualquer outro tempo eu não teria ouvido falar sem arrepiaimentos de cabellos, me pareceu nesse momento um anjo enviado do Céo para me salvar milagrosamente, e eu levava a tal ponto o desvairio, que cheguei a agradecer a Deos por tanta graça! Mas a este instante de consolação sucederão as horas as mais cruéis de minha desgraçada vida, essas horas tão terríveis e tão longas, que devia passar, esperando a volta incerta da minha protectora. Atormentado por uma especie de esperança, que minha razão era obligada a repelir, e pela approximação imminente do meu suppicio cahiu em agonia, cuja reminiscencia me faz ainda tremer.... Um silencio sinistro e profundo, como a sinistra e profunda obscuridade, que me rodeava, reinava por toda a parte ao redor de mim, quando em sim o movimento da minha porta, que se abria sem estrepito, e a voz da minha libertadora me fizerão estremecer. -- « Sou eu, meu amigo, me disse ella, coragem! e sobre tudo compaixão! pega na ponta desta varinha que te apresento, não a largues, e segue-me! -- Porém eu tenho as mãos atadas uma à outra? respondi-lhe -- Pega já, l'o disse! replicou-me ella -- O' surpresa! o prodigo! no primeiro esforço, que fiz para estender a mão, e pigar na ponta da varinha, cahiu-me aos pés as algemas em mil pedaços, como se fossem de fragil vidro! -- « Segue-me, e sobre tudo não largues a ponta da varinha» (disse ella), senão ficamos ambos perdidos! -- Porém eu estou amarrado á parede, lhe disse, e tenho ferro aos pés!.. -- Deixa lá os teus porém, me replicou ella, marcha avante, e com audacia! » -- Nova surpresa, e ainda mais lisongeira! Logo ao primeiro passo, que dei, os ferros que me prendia á parede se quebraram com a mesma facilidade que as algemas, e os que tinha aos pés, a penas senti resistir-me!... Em sim totalmente livre das cadeias, nada me impedia seguir a varinha, á qual me achava agarrada com ambas as mãos com meho de alargar. Minha conductora abriu todas as portas sem a menor dificuldade, e estrepito. Os guardas, carcereiros, os presos que se achava pelo nosso caminho, jaziam sepultados no mais profundo sono, de modo que nenhum despertou em poucos instantes nos achámos fóra da prisão, no meio da rua, e pouco depois na grande praça, onde a minha benfeitora me fez sentar sobre um banco, e ao seu lado. Então puz-me a considerar, que era o inferno, e não o Céo, a quem eu devia esse prodigo, que se acabava de operar em meu favor, e que minha libertadora, fei-

ceira convencida, não podia ser senão um emissario do Diabo. Pensando nisto um horroroso frio correu-me da cabeça aos pés: a force não me pareceu então se não uma unha em comparação da minha condenação eterna, e recorri ao sinal da cruz, que repeti por mais de dez!.. -- Para, me disse minha condutora, tu ainda não estás salvo... se não tens toda a confiança em mim. Deixa lá os teus oremos, que não impedirão, que tu fosses enforcado amanhã: bebe uma gota de licor confortativo (continuou ella, dando-me um vidrinho, que virei de um só gole), e repito-te, coragem! dei xame fazer o que é preciso, sé fiel as tuas promessas. Não te inquietes (proseguio ella, desenrolando um grande sacco), eu vou te esconder dentro, e fazer-te viajar; h' absolutamente preciso, e quanto antes: porém desculpa, que eu terei cuidado na tua subsistência, bem como na tua segurança, até que tu nada tenhas a recear. » Esta proibição tocou-me de recorrer a Deos, essa viagem dentro d'um sacco, todas as circunstâncias de minha situação, me terão infallivelmente feito morrer de terror, e de certo havia com que dar cabo do mais intrepido, se no mesmo instante um profundo sono não viesse tirar-me a faculdade de pensar, e refleclir: eu não tenho, nem tive a minima noção da virgem que fiz dentro do sacco: só me lembro, que despertei em consequencia de um movimento violento, que se fez com o sacco, e tão extraordinario que jamais me esquecerei dessa circunstância. Abrindo os olhos, vi que era noite, que estava estendido sobre a relva, debaixo de um céo brilhante de estrelas, á borda do mar, e ouvi a voz da minha libertadora, a qual me falava de muito perto, mas não ouvia senão o som da sua voz, e não podia perceber o que me dizia. Logo depois me senti apear em tre seus braços, chegar seus ardentes labios aos meus, e dar um suspiro, da mais amorosa expressão... Um movimento de nojo, que não fui senhor de reprimir, me induziu machinalmente a empurrar-la com meus dous braços... oh qual não seria o meu horror! como se não arriaria os meus cabellos, quando, apalpando e vendo, quanto me permitia a obscuridade da noite, reconheci, e entrei, que essa cabeça, que se unia á minha com intenções tão carinhosas não era mais do que uma enorme, e horrivel cabeça de lobo!! um punhal curto, e largo pendia do seu pescoco... D'esta vez, não ha duvida, foi o céo, que me inspirou. Em menos espaço, do que eu digo, lancei mão do punhal, e o cravei na garganta do monstro, que, cahindo logo por terra, tomou a figura humana.... reconheci então distintamente a minha feiticeira, a qual expirava, banhada em sangue. Cheio de medo e horror, peguei-lhe pelos cabellos, e arrastando, a lancei ao mar....

Depois deste acto de furor, só, sem saber onde se achava, Rutilio acreditou logo ver todos os Diabos persegundo-o para vingar a morte da feiticeira... De outra parte pensava ver levantar-se da terra essa force terrivel, de que julgava já não se achar livre, pois que tinha assassinado aquella, que o livrara: um instinto machinal o induziu a su-

gir, e depois de ter muito corrido sem saber onde hia, determinou esperar o romper do dia; porém não amanheceu, e começou a molesta-lo e fome. Acreditava Rutilio ser possesso do Diabo por toda a vida, e reduzido por nigromancia a nunca mais ver a luz do dia; quando ouvia vozes humanas, e os passos de gente, que se approximava conversando. Elle se chegou, e por um feliz acaso deparou com um Italiano, que, ouvido a relação da sua viagem, lhe disse que havia sido transportado pela feiticeira a região mais septentrional das Ilhas a Norte da Noruega; que nesse paiz o anno se dividia em uma noite de seis meses, e em um dia de outros seis meses, e que nestes dois meses ainda elle não veria a luz do dia. O Italiano, que se tinha estabelecido nesta ilha, ofereceu a Rutilio a abriga da sua casa; e-lhe aceitou com agradecimentos; e só d'pois de muitos annos de residência, de aventuras, e viagens, é que voltou a Europa.

LITERATURA.

ESTUDOS FILOSOPHICOS.

Sob esta epígrafe traremos de varios assuntos, em que não aparecerá uma unidade de exposição; seria talvez mais acertado epigraphal-os de variedades; mas preferimos aquella, por significar melhor o que escrevemos. Como muitas vezes nos não será possível referir a seus autores os pensamentos, que de suas leituras espalhadas ter-nos-hão ficado, citamos os seguintes: Cousin, Stewart, Laromiguère, Tiberghien, Kant, etc.

O PHILOSOPHO.

Philosopho! é esta uma palavra, que todos exprimem, porém quantos a comprehendem?

Neste ponto o prejuizo tem sido por de mais contagioso. -- E o contagio tem affecto aqueles que por sua illustração devião estar ao obigo. -- Por ventura Rousseau não nol-o preya, quando escreve que não ha philosopho em cujo coração não medre a fraude, a astúcia? (a)

Se quizermos determinar mais ou menos a significação desta palavra, devemos elevamo-nos a um ponto de vista mais alto, em que possamos descontinar campo mais vasto.

Ha duas, qualidades de philosophos: uns que sabem, e outros que sentem.

Estes ultimos são em numero diminuto; e quicá verdadeiramente philosophos. Aos primeiros porém cabe a designação de pseudo-philosophos.

Esta distinção quasi sempre é só percebida pela própria consciencia.

O pseudo-philosopho poderá saber fazer uma analyse de suas faculdades, deduzir com profundidade as propriedades que constituem a natureza de seu espírito, expôr com lucidez os argumentos em que se firma para nós a existencia de Deus, expender as mais sans theories de moral, descrever com perfeição os diversos systemas, as diferentes escolas, em cujo seio tem-se

(a) Où est le philosophie qui, pour sa gloire, ne recouperait pas volontiers le genre humain?

agitado a philosophia, produzir interessantes theorias sociaes; mas d'ahi não passará; um vazio immenso sentirá em si; em balde a gloria o sustente; em balde a esperança de uma posteridade agradecida o encante. Porque? porque não sente o que sabe. A propria consciencia bradará: vanitas.... E elle proprio se dirá: *melius sentire quam scire*.

Quem sente o que sabe, possue realmente a sciencia; e seus actos são a expressão fiel de seus principios.

Quem sente o que sabe, ainda que o conhecimento em si não ofereça materia para sentir, oferece-lo-ha por certo nas suas relações.

Completo desengano para aquelles que só enxergão o philosopho no metaphysico, e não no sentimento -- e sem este sentimento, ai de nós! qual seria o nosso destino, em vista do presente?

Em todas as condições sociaes ha seu lugar a philosophia. Segundo o entender de muitos ella está monopolizada, e só o privilegio de alguns.

Engano! A philosophia condena o privilegio, quando proclama a igualdade, confraterniza todos os productos da actividade e da intelligencia, e representa o principal papel no destino da humanidade. -- Em these geral pois deve-se dizer: -- Onde está a philosophia está a humanidade, esta é inseparável daquella.

Ella!

.....

Ob ! lusses moi tonfe ma vie
Toffrir mon culte ou mon amour !

Lamartine.

O anjo dos meus amores
E lindo como uma estrella.
Tão lindo e tão formoso
Como... como a virgem bella !

Tem azuis os bellos olhos,
Tem labios de carmim:
Não é mais formosa a face,
A face de um cherubim !

Tem no rosto linda rosa.
Linda rosa toda amores:
Feliz! no, cito não ten.
Tristuras, magoas, e dôres.

Nos beijos tem um sorriso,
Sorriso todo doçura;
Beijo que delles pendem
Não foi nunca o d'amargura.

Mas não é aquella rosa,
A rosa dos meus amores;
Para outrem diz esprança,
Para mim só negras dôres !

Brilha aquelle sorriso
N'outros labios que não meus;
Uma esprança accordou
Esse tir dos beijos teus !

P'ra outrem se riram elles
Os teus beijos de carmim,
P'ra outrem, aventureado,
Que não... que não para mim.

A rosa dos teus amores
Colheu-a a' quem que não eu:
Eu só colhi os espinhos,
Só provei desprezo teu !

Anjo! mulher -- és tão linda
Assim na terra a sorrir:
E' teu rosto, rosto d'anjo.
Por entre os céus a florir.

Vem, meu anjo, vem commigo,
Dá-me um só sorriso teu,
Que mate esta viva dor,
Que minh'alma já bebeu,
Dá-me um só beijo, meu anjo
Meu anjo, que és todo meu !

Mas não quis --olveu-me o rosto,
Um suspiro desprendeu,
Um eoco elle accordou,
N'outro peito que não meu !
E eu, quedei-me triste, sô,
C'os olhos ficos no céu !

J. M. C.

Declaracão.

Prevenimos aos Srs. assignantes do Crozeiro do Sul que por alguns dias fia interrompida a publicação deste jornal, por ter-se acabado o nosso papel de impressão, e actualmente não se achar em parte alguma papel que o possa substituir: a nossa interrupção não deverá ser longa, porque esperamos a toda hora a chegada de papel do Rio de Janeiro.

O Editor.

AVISO.

Ricardo Becker, Director interino do Lycée Provincial faz publico que do primeiro de Julho em diante se acharão abertas neste estabelecimento as aulas de desenho, e de sciencias naturaes.

Lycée Provincial na Cidade do Deserto em 1 de Junho de 1859.

ANNUNCIO.

Ven'e-se mobília de sala completa, enfeites de meza, caixas com mangas, sofa estufado, guarda vestidos, guarda livros, guarda louça, camas francesas, commoda, marquezas com colchões, louça, cristais, meza para jogo, dílas com gavetas e tante para livros, bandejas, bacias, banheira etc, e mais arranjo de uma casa de familia. Para ver e tratar na casa que fôr da residencia do Dr. Rapozo no Matto grosso, a qualquer hora.

Typ. Catharinense de G. A. M. Avelim.
Largo do Quartel casa n. 41, — 1859.